

Segundo mandato de Donald Trump



Por: Alfredo García Almeida*

Em seu segundo mandato, Donald Trump não se conforma com ser o presidente dos EUA. Ele quer ser imperador absoluto, uma forma de exercer o poder, sem divisão entre estados, esferas ou poderes e garantir que a pessoa encarregada do poder será a única responsável pela tomada de decisões.

Para Trump, a conquista do Canadá, a interferência no México, a usurpação da Groenlândia, a mudança de nome do Golfo do México e a recuperação do Canal do Panamá combina uma versão moderna do Destino Manifesto (Pela Autoridade Divina de Deus) com a Doutrina Monroe (América para os americanos).

O imperador do Japão é o único monarca reinante atualmente cujo título se traduz literalmente como "monarca celestial", uma categoria da qual Trump se aproxima, ao declarar: "Acredito que minha vida foi poupada por Deus por um motivo: tornar a fazer dos EUA uma nova nação maior".

Trump exibiu a "corte" durante a posse de seu segundo mandato: Elon Musk (X), Jeff Bezos (Amazon), Mark Zuckerberg (Meta) e Sundar Pichai (Google), os líderes das empresas mais influentes do mundo, uma aliança estratégica com o setor de tecnologia em um momento crucial para a indústria. Meta, Google e Microsoft estão competindo em uma nova corrida armamentista na área de inteligência artificial. Os três gigantes da tecnologia têm um patrimônio líquido combinado de quase um trilhão de dólares.

O antecedente mais distante das "cortes" é o Senado Romano, formado por eminentes patrícios que "graças à sua origem familiar, seu status legal de homens livres e sua enorme riqueza, podiam participar da vida política".

Muitos executivos de tecnologia contribuíram com milhões de dólares em doações para a posse de Trump. No fim de semana, antes da cerimônia de posse, líderes de tecnologia foram vistos em Washington D.C. participando de festas de gala exclusivas e de alta segurança. Musk assumirá um papel fundamental na reestruturação do governo sob a nova administração. Não é segredo que as empresas desses magnatas têm contratos bilionários com o governo federal.

A advertência do presidente Joe Biden durante seu último discurso de que os Estados Unidos estão se tornando uma "oligarquia" de bilionários da área de tecnologia parece ser o legado mais importante que o veterano presidente deixa para o povo americano.

A "Lei de Ferro" da oligarquia é uma teoria política desenvolvida pelo sociólogo italiano Robert Michels em seu livro de 1911, Partidos Políticos, que afirma que o governo de uma elite ou oligarquia é inevitável como uma "lei de ferro" em qualquer organização democrática como parte das "necessidades táticas e técnicas" da organização. A "Lei de Ferro" estabelece que todas as formas de organização, independentemente de quão democráticas possam ser no início, eventualmente e inevitavelmente desenvolverão tendências oligárquicas tornando assim a verdadeira democracia prática e teoricamente impossível.

*Jornalista, analista internacional e colaborador de Mérida, Yucatán.



Radio Habana Cuba